

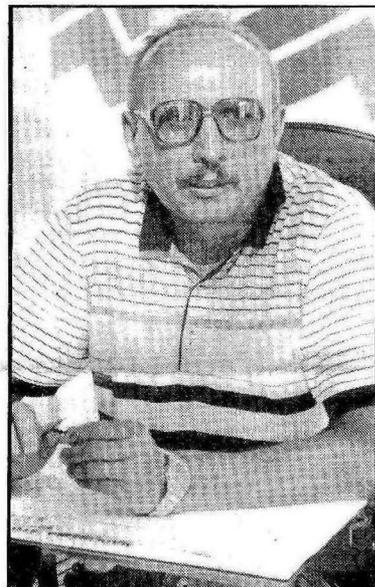
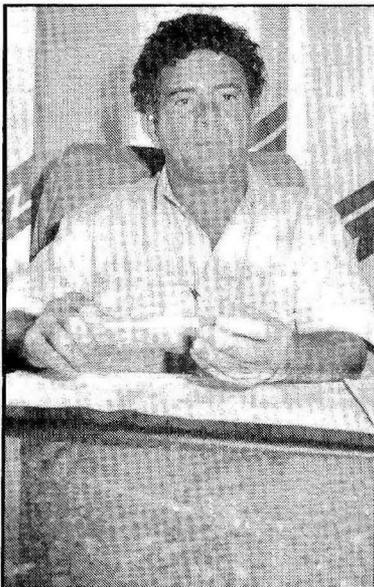
Empresários dão a receita

Sai à procura de dias melhores. Esta é, em geral, a justificativa que os migrantes das regiões Norte e Nordeste dão para o fato de terem se deslocado para a Brasília. Provavelmente muitos não encontraram o que buscavam mas pelo menos dois deles, com certeza, podem dizer que atingiram o objetivo. Os empresários Raimundo Soares Marinho e Antônio Aureliano Rodrigues — o primeiro maranhense e o segundo pernambucano — chegaram ao Distrito Federal nos anos 60, com a construção da cidade, mas foi na Ceilândia, reduto dos nordestinos, que se instalaram e prosperaram.

Solteiro, com 17 anos, Raimundo chegou a Brasília no ano de 1964 sozinho e, é claro, “em busca de dias melhores”. Ao concluir o serviço militar, a dificuldade de conseguir um emprego já o estava levando para São Paulo quando, parado num ponto de ônibus, um caminhão passou recrutando pessoal para trabalhar de servente de pedreiro, fazendo com que recomeçasse a história. Após dois meses atuando na função, um acidente “providencial” levou Raimundo para dentro do escritório da construtora Irfasa S.A., já que a chefia, percebendo nele uma potencialidade, resolveu lhe dar uma chance.

A ascensão de Raimundo foi rápida, de copeiro logo passou a apontador e depois a chefe do almoxarifado, auxiliador de escritório e até a diretor do patrimônio da empresa. Até 1971 morou na Vila dos Urubus, na invasão do Iapi, onde passou a gerenciar uma filial do grupo.

FOTOS: CARLOS MOURA



Raimundo e Antônio Aureliano acreditaram e colhem sucesso

Com a transferência da Irmaco para Ceilândia, Raimundo foi junto e permaneceu na empresa até 1975, quando então decidiu montar o seu próprio negócio.

Num galpão alugado e com apenas três funcionários nasceu a Demacol, mas em pouco tempo a firmeza de Raimundo a transformou numa das mais estruturadas empresas de material de construção da Ceilândia — maior pólo de empresas do ramo em Brasília. Para o empresário bem-sucedido, o que o ajudou a permanecer e crescer foi a hospitalidade da cidade. “Não só Ceilândia mas toda Brasília é basicamente formada por nordestinos que a ajudaram a prosperar”. Raimundo é atualmente o presidente da Associação Comercial e Industrial da Ceilândia (Acic).

Madeireira — O pernambucano de Gravatá, Antônio Aureliano Rodrigues, também começou sua vida em Brasília, no ano de 1967, trabalhando como empregado em uma casa de materiais de construção localizada

no Núcleo Bandeirante. Dois anos depois Antônio já abria a sua madeireira Santo Antônio, inicialmente instalada na rodovia Brasília-Anápolis. Em 1971, a madeireira foi removida para Ceilândia e cresceu junto com a cidade.

De dois funcionários no início, a Santo Antônio passou a 150 e seu proprietário, no ano passado, inaugurou também, na Ceilândia, a Elétrica Santo Antônio e não quer parar por aí, pretendendo criar novos empreendimentos na satélite que, segundo acredita, “é das mais promissoras”. Até hoje Antônio ainda procura os restaurantes da cidade para saborear um bom prato tipicamente nordestino e matar as saudades da terra querida. Mas apesar da saudade, o empresário não quer mais voltar para Gravatá. “La agora é só para uma passadinha rápida, minha casa é aqui onde me desenvolvi às custas de muito trabalho e fé em Deus”.

Para Antônio Aureliano.